



FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT  
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL

## A VITÓRIA DE JESUS EM HEBREUS 2.5-18 COMO RESPOSTA TEOLÓGICA AOS SOFRIMENTOS DOS CRISTÃOS

Pedro Henrique Corrêa Rangel

Prof. Leonardo Silveira

**Resumo:** Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo abordar o desafiador dilema do sofrimento humano, mais especificamente na vida dos cristãos, e como os eventos históricos da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo se relacionam com esse dilema. Para isso, estudaremos a passagem de Hebreus 2.5-18, texto que aborda a identificação de Jesus com os seres humanos e explora com profundidade a realidade do sofrimento. A encarnação, a vida e o triunfo de Jesus funcionam no texto como base para seu sacerdócio, asseguram a participação na glória e capacitam os cristãos a enfrentarem suas aflições e angústias no presente, pois seu salvador conhece as suas dores e sabe o que significa padecer. Obviamente o problema do sofrimento representa um constante desafio intelectual e prático para as pessoas, inclusive os cristãos. Entretanto, a base da mensagem do evangelho é a identificação de Jesus com os seres humanos e sua vitória em meio aos sofrimentos e dores da vida culminando na cruz. Assim, o problema da dor faz parte do centro da teologia do Novo Testamento, o qual responde não com uma proposta intelectual, mas com uma salvação dinâmica baseada na soberana conquista de Jesus dos poderes malignos e da sua ressurreição dentre os mortos.

**Palavras-chave:** Jesus Cristo, vitória, Hebreus, identificação, sofrimento, mal,.

**Abstract:** This final academic work aims to address the challenging dilemma of human suffering, more specifically in the lives of Christians, and how the historical events of the life, death, and resurrection of Jesus Christ relate to this dilemma. To do so, we will study the passage of Hebrews 2:5-18, a text that addresses Jesus' identification with human beings and explores in depth the reality of his suffering. The incarnation, life, and triumph of Jesus function in the text as the basis for his priesthood, ensuring participation in glory, and enabling Christians to face their afflictions and anguish in the present, since their savior knows their pain and knows what it means to suffer. Obviously, the problem of suffering represents a constant intellectual and practical challenge for people, including Christians. However, the basis of the gospel message is Jesus' identification with human beings and his victory amid the suffering and pain of life, culminating in the cross. Thus, the problem of pain is part of the very center of the New Testament theology, which answers answer not with an intellectual proposal, but with a dynamic salvation based on Jesus' sovereign conquest of the evil powers and his resurrection from the dead.

**Key-words:** Jesus Christ, victory, Hebrews, identification, suffering, evil.

## **1. INTRODUÇÃO**

A Epístola aos Hebreus oferece uma rica e profunda reflexão sobre a pessoa e o ministério de Jesus Cristo, destacando sua identificação íntima com a humanidade e seu papel redentor. Em particular, o trecho de Hebreus 2.5-18 oferece uma análise teologicamente densa sobre a vitória de Jesus e sua relação com o sofrimento experimentado pelos crentes.

Neste texto, o autor de Hebreus explora a encarnação de Cristo e sua vitória sobre as forças do mal, destacando não apenas sua associação voluntária com a humanidade, mas também seu senhorio sobre todas as coisas. Através de sua morte e ressurreição, Jesus redime a humanidade, derrota os poderes que escravizam e afligem os crentes. Ele é capaz de compreender e interceder pelos cristãos em suas próprias aflições.

Este artigo busca realizar uma análise exegética e teológica detalhada de Hebreus 2.5-18, investigando sua mensagem central sobre a vitória de Jesus como resposta ao sofrimento dos cristãos. Assim, será examinado o contexto histórico e literário do texto e suas implicações teológicas para a soteriologia e a vida cristã, bem como suas conexões com outras passagens bíblicas relevantes.

Ao fazer isso, pretendemos oferecer uma compreensão mais profunda do significado do sofrimento de Jesus e suas implicações para a vida dos crentes. Em última análise, busca-se não apenas uma compreensão intelectual, mas também uma aplicação prática e consoladora desta importante passagem bíblica para a vida e ministério da comunidade cristã.

## **2. CONTEXTO DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS**

A carta aos Hebreus (Hb.) chama a atenção no Novo Testamento (NT): seu autor é anônimo, não sabemos onde estão os destinatários e o grego é muito elegante na carta, mas não há certeza sobre a estrutura da carta e esses aspectos representam um desafio para quem a estuda. Agora, por mais que ela não possua tais testemunhos externos, temos suficiente material interno para o estudo exegético e teológico e sua aplicação no contexto imediato da comunidade (Bruce, 2023).

### **A. Autoria da Epístola**

A autoria Paulina é proposta pela tradição da Igreja Ocidental ao considerar a opinião de eruditos de Alexandria, como Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) e Orígenes (185-253 d.C.), mas eles fazem essa defesa com cautela. Essa tradição é evidente

nos manuscritos que temos, como no Papiro 46, datado do ano 200 d.C., que contém apenas os escritos paulinos, mas inclui a Epístola aos Hebreus (Aland, 2013).

Os problemas para a autoria de Paulo são vários, como o estilo literário, a argumentação da carta, os termos diferentes, o grego mais polido e a falta das perguntas retóricas são diferenças fundamentais.<sup>1</sup> Além disso, Irineu de Lyon (130-202 d.C.) e Hipólito de Roma (170-236 d.C.) discordam da autoria paulina (Bruce, 2023).

Por isso, surgiram outras opções, como Barnabé, do Pastor de Hermas (s. II d.C.), mas esta nunca foi aceita. Assim, a autoria paulina se manteve na Idade Média até a Reforma Protestante, quando Calvino pensou em Lucas e Lutero sugeriu Apolo.

Porém nenhuma conclusão é definitiva e a carta continua no anonimato. “Deus sabe quem foi o escritor”, disse Orígenes, e isso basta. Assim, na falta de testemunho histórico, devemos considerar o próprio conteúdo da carta para fazermos algumas observações sobre o autor e os destinatários com vistas à futura exegese.

### **B. Uma comunidade precisando de seu pastor**

Hebreus 10.32-34 mostra que o autor tem uma longa caminhada com seus irmãos. Ele estava presente no início da fé daqueles irmãos, repleta de lutas e dificuldades, mas agora está longe. Ele é uma figura de autoridade (13.17-19) e tem liberdade para exortá-los com dureza e confiança (6.4-8, 9-12). Ele escreve porque entende a pressão que estão passando e vê a necessidade e perseverança (13.22). Isso mostra que o autor tem uma preocupação doutrinária e, também, pastoral. Por isso, empregaremos ocasionalmente o termo “pastor” como referência ao autor da epístola.

---

Agora, quando Hebreus é escrito, a comunidade estava sendo desafiada ao martírio e à perseverança (12.4). Como as exortações da carta desafiam os ouvintes a permanecerem firmes em Cristo e não nas antigas tradições do judaísmo, deve-se deduzir que a pressão e perseguição vem dos judeus. A comunidade está sendo tentada a abraçar algum sincretismo com o judaísmo e voltar às suas tradições culturais, o que seria uma negação do sacrifício de Cristo (Monteiro, 2018). O autor usa a soteriologia para responder esse problema (Gnilka, 1998).

Uma possibilidade é a carta ter sido escrita na época da revolta do ano 66 d.C. na Palestina, onde os judeus vencem batalhas contra Roma e querem estabelecer um domínio

---

<sup>1</sup> Eusébio de Cesareia, citando Orígenes, escreveu: “faltava a rudeza de expressão do apóstolo” e “é mais idiomáticamente grega na composição de sua dicção” (Eusébio de Cesareia, 2005, p. 214).

independente judaico (Guevara, 1985). O contexto da rebelião proporcionaria suficiente pressão para a necessidade da epístola, mas essas são apenas hipóteses.

Podemos afirmar que o documento surgiu antes do ano 90 d.C. porque Clemente faz referência à carta nessa data.<sup>2</sup> Como o autor não usa a queda de Jerusalém para provar que o tempo da Antiga Aliança já passou (Hb. 8.13) e fala dos sacrifícios no tempo presente (8.4, 9.9, 10.1), ele deve ter escrito antes do ano 70 d.C. (Millos, 2009).

Assim, se pode afirmar que: (1) o autor e seus irmãos são da segunda geração de cristãos (Hb. 2.1-4); (2) a menção a Timóteo (Hb. 13.23) mostra proximidade com o círculo do Apóstolo Paulo; (3) o profundo conhecimento da LXX indica que o escritor era um judeu da diáspora convertido ao cristianismo; (4) sua relação com a comunidade receptora lhe permite escrever como pastor e líder da comunidade.

### **C. Estrutura da Epístola**

Hebreus não é uma carta, mas um sermão com notas pessoais no final. Por muito tempo, a epístola ficou separada em duas seções, uma, abordando o tema da palavra de Deus (1-6) e outra, o sacerdócio de Cristo (7-13). Porém, Vanhoye (2006) defende que não há separação e os dois assuntos estão relacionados. Ele propõe que o sacerdócio é introduzido em 2.17, o culminar da primeira seção (1.5-2.18).

A estrutura de Vanhoye (2006, p. 106) é a seguinte:

- 1.Nome superior aos anjos (escatologia): 1.5-2.18
- 2.Jesus fiel e compassivo (eclesiologia): 3.1-5.10
- 3.Exposição central (sacrifício): 5.11-10.39
- 4.Fé e perseverança (parênteses eclesiológicos): 11.1-12.13
5. O fruto pacífico da justiça (escatologia): 12.14-13.19

Complementando essa análise, deve-se destacar a importância das exortações na carta. O pastor se detém e desafia seus irmãos à perseverança; a doutrina está a serviço da exortação. Assim, Hebreus 1.1-2.18 começa com uma introdução (1.1-4), a identidade do Messias (1.5-14), uma exortação (2.1-4), e, por fim, a obra de Jesus (2.5-18).

Por fim, Hebreus 2.5-18 introduz temas que serão desenvolvidos posteriormente, de modo que a interpretação desta seção é crucial para o entendimento de toda a epístola e, sempre que necessário, consideraremos passagens futuras para a exegese.

---

<sup>2</sup> A cita que Clemente faz de Hebreus em 1ª Co. 36.1-6 mostra que a carta já estava bem estabelecida no final do século I.

### 3. TRADUÇÃO DA PASSAGEM<sup>3</sup>

5 Ora, não foi a anjos que sujeitou o mundo vindouro, a respeito do qual estamos falando, 6 pois *alguém* testemunhou em certo lugar, dizendo:

“O que é o homem para que te lembres dele?

Ou o filho do homem, para que o visites? 7

Fizeste-o, por um pouco, menor do que os anjos,  
de glória e de honra o coroastes,

8 sujeitaste todas as coisas debaixo dos seus pés”.<sup>4</sup>

No “sujeitar à humanidade todas as coisas”, nada deixou fora de seu domínio. Mas agora, ainda não vemos todas sujeitas aos seres humanos; 9 mas, vemos porém, a quem foi feito por um pouco de tempo menor que os anjos – isto é, vemos a Jesus. Ele, por sofrer a morte, foi coroado de glória e de honra, de modo que, pela graça de Deus, provasse a morte em favor de todos.

10 Ora, era necessário que Deus, para quem e por meio de quem são todas as coisas, ao conduzir muitos filhos à glória, aperfeiçoasse o campeão da salvação deles por meio dos sofrimentos. 11 Pois aquele que santifica e os que são santificados vêm de um só, tanto que ele não se envergonha de chamá-los de irmãos, 12 dizendo:

“Anunciarei o teu nome aos meus irmãos, no meio da congregação te louvarei”,<sup>5</sup>

13 e: “Nele confiarei”, e ainda: “Eis me aqui; eu e os filhos que Deus me deu”.<sup>6</sup>

14 Portanto, como os filhos compartilhavam sangue e carne, ele também compartilhou do mesmo, para, mediante a sua morte, destruir quem tinha o império da morte, isto é, o Diabo, 15 e libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam sujeitos à escravidão suas vidas inteiras.

16 Assim, é evidente que ele não se preocupa com anjos, mas com a descendência de Abraão. 17 Portanto, era necessário que ele fosse em tudo como seus irmãos para se tornar um Sumo Sacerdote compassivo e fiel nas coisas de Deus e para perdoar os pecados do

---

<sup>3</sup> Para uma comparação entre o texto grego e a tradução, ver o Anexo.

<sup>4</sup> Salmo 8.4-6, LXX.

<sup>5</sup> Salmo 22.22, LXX.

<sup>6</sup> Isaías 8.17, 18, LXX.

povo. **18** Posto que ele padeceu quando era provado, aos que são provados, ele é poderoso para ajudar.

#### 4. EXEGESE DE HEBREUS 2.5-18 A. Estudo de Hebreus 2.5-9: A coroação por meio da morte

Nesta passagem o autor concluiu sua primeira exortação (Hb. 2.1-4) e continua sua argumentação sobre a supremacia do Messias, identificado como o “Filho” e o “Primogênito” (1.5-14). Ele retoma o assunto com a preposição “pois” (*gar*), mas diz claramente que o assunto tratado em toda a seção é: “o mundo vindouro” (*tēn oikoumenēn tēn mellousan*), expressão confusa que, por vezes, é deixada de lado diante da Cristologia de Hb. 1 e 2. Mas o autor não diz que o assunto tratado é a identidade de Cristo, por mais profunda e presente que ela seja nesses textos, e sim “o mundo vindouro”, isto é, escatologia. Este é o assunto “a respeito do qual estamos falando” (*peri hēs laloumen*). Mas qual é a relação deste tal “mundo vindouro” com o Cristo/Messias? Seria 2.5 um exagero? É preciso esclarecer essa relação.

A palavra “mundo” no texto de Hb. 2.5 não é o termo natural *kosmos*, mas *oikoumenē*, que significa “habitação”, e essa variação reflete o entendimento judaico da época. Como escreve George E. Ladd (1984, p. 372):

*Kosmos* é uma palavra grega que não tem equivalente nem em hebraico nem em aramaico; o Velho Testamento fala de “céus e terra” ou “o tudo” (Sl. 8.6, 24.1; 44.24). Contudo, o termo hebraico *‘olam*, que é estritamente uma palavra temporal que significa “século”, ganhou novas nuances do contato de pensadores judeus com o mundo helenístico. A palavra assumiu conotações espaciais, e assim *‘olam* passou a significar tanto era como mundo. Este é o embasamento para o intercâmbio de *aiōn* e *kosmos* em Paulo (1ª Co. 1.20, 3.19, 2.6).

Assim, desenvolveu-se a terminologia *‘olam* em hebraico para falar da “era presente” (*‘olam hazeh*) e da “era vindoura” (*‘olam habah*). Mas como esses termos não possuem equivalentes em grego, as palavras *kosmos*, *aiōn* e *oikoumenē* são intercambiáveis, algo evidente tanto no NT<sup>7</sup> como em Hebreus:

Hb. 1.2	...pelo qual também fez o universo	<i>kosmos</i>
Hb. 11.3	Pela fé, entendemos que o universo...	<i>aiōn</i>
Hb. 1.6	...ao introduzir o Primogênito no mundo...	<i>oikoumenē</i>
Hb. 10.5	...Cristo, ao entrar no mundo...	<i>kosmos</i>

<sup>7</sup> Mc. 4.19 fala das “preocupações deste século” e Paulo, da não conformidade com este “século” (Rm. 12.2). Em Lucas 20.34-35, Jesus compara a “era presente” com a “era vindoura”, mas em Mateus 22.30 e Marcos 12.25 ele troca pelo termo “ressurreição”. Aqui temos o conceito de *‘olam habah*, fundamental para a compreensão da esperança escatológica judaica e cristã.

Hb. 2.5	...sujeitou o mundo vindouro	<i>tēn oikoumenēn tēn mellousan</i>
Hb. 6.5	...os poderes do mundo vindouro	<i>mellontos aiōnos</i>
Hb. 13.14	...buscamos a [cidade] vindoura	<i>polin... mellousan</i>
Hb. 4.3	...desde a fundação do mundo	<i>oikoumenē</i>
Hb. 9.26	...desde a fundação do mundo	<i>aiōn</i>

A variedade de termos empregados expressa a ideia judaica de “era presente” (*olam hazeh*) e da “era vindoura” (*olam habah*). Comparando os textos de Hebreus 2.5 com 6.5 e 13.14, vemos o verbo “está a ponto de chegar” (*mellō*) referindo-se à “habitação”, “era” e “cidade”. Esses termos falam da esperança escatológica judaicocristã (Attridge, 1989), os “novos céus e nova terra” de Isaías 65.17-18, a renovação do universo consequente do “Reino de Deus” (Ladd, 1984).

Portanto, Hebreus 1 e 2 está falando sobre o “mundo vindouro”, isto é, o reino, e abordando-o desde este aspecto: quem participa dele? O reino é grandioso e majestoso, e quem o herda também será assim. Por isso, a supremacia de Jesus mostra a grandiosidade do reino e da salvação (2.3). A herança é do Messias e ele é grandioso, de modo que a herança também o é. Isso explica relação da Cristologia com a escatologia. Agora, o caminho até essa herança do “mundo vindouro” será o mesmo de todos os outros herdeiros e o autor o abordará a continuação. Assim, passemos ao v. 6.

Hebreus 2.6 introduz o Salmo 8 de uma forma imprecisa: “alguém disse em certo lugar” (Hb. 2.6), mas o autor conhece muito bem a LXX e não está falando dessa forma porque se esqueceu da referência. O pastor é intencional em seus argumentos. Ao não citar o escritor do salmo, a proveniência divina das palavras é enfatizada e o Salmo 8 é introduzido como a vocação dos seres humanos na terra (Cockerill, 2012).<sup>8</sup>

No contexto original, o Salmo 8 do trata da vocação da humanidade de Gênesis 1.26-28. O salmista escreve sobre o papel único dos seres humanos no universo e fica maravilhado. São criaturas pequenas, feitas menores que os anjos, mas concedidos de maior honra que eles. Quem imaginaria que seres feitos do pó da terra receberiam o

---

<sup>8</sup> O uso do Salmo 8 reflete um princípio de interpretação rabínica chamado *gezerah shavah*, uma associação de textos por seus temas principais (Keener, 2017). A relação é feita pelo termo “pés” do Sl 110.1 e do 8.6 que aparece em Hb. 1.13 e 2.6. Hb. 1 também se relaciona com o capítulo 2 pela ideia de “herdeiro” de Hb. 1.2,14 (*klēronomos*), mas agora com as palavras “glória e honra” do Salmo 8 em Hb. 2.7. São as palavras “glória” (*doxa*) e “sujeitar” (*hypotassō*) que unem esta seção (Hb. 2.5-9). O autor usa o Salmo 8 para retomar sua argumentação e preparar sua abordagem sobre a encarnação e morte de Cristo.

privilégio de reinar com Deus, mas é exatamente esse o convite do Salmo 8 para toda a humanidade. Por isso, a expressão “a ele” em Hebreus 2.8 deve ser interpretada à luz da antropologia do Sl. 8, isto é, como uma referência à humanidade.

O problema é que nenhum ser humano cumpriu essa vocação. Na verdade, toda a humanidade se rebelou contra o Criador e desprezou seu chamado. Ao invés de sujeitar todas as coisas, como os animais do campo, os seres humanos foram enganados pelo orgulho e submetidos a eles, à uma serpente. E com isso, lançaram pecado, morte e escravidão sobre a terra (Hb. 2.15). Hebreus sabe disso e escreve: “não vemos todas as coisas sujeitas à humanidade” (Hb. 2.8). Mas o Salmo 8 permanece como um chamado eterno da vocação dos seres humanos. Quem o cumprirá?

Após reconhecer o quebrantamento do mundo e sua necessidade de redenção, o autor introduz o único capaz de resgatar os seus irmãos: Jesus. O duplo acusativo de Hebreus 2.9 apresenta de forma enfática por primeira vez o nome “Jesus” (*ton... Iēsoun*). E a intenção do autor é clara: destacar a humanidade e identificação de Cristo com todos os homens. Bruce diz que “Deus colocou todas as coisas sob o domínio dos seres humanos, e foi a natureza humana – a nossa natureza – que o Filho de Deus assumiu a fim de reconquistar esse domínio” (2023, p. xxvii).

Para abordar a encarnação, o pastor usa o termo “um pouco” (*brachys*) do Salmo 8.6 na LXX. No contexto da passagem inicial, o salmista estava falando sobre a condição mortal e fraca da humanidade. Agora, no contexto usado pelo pastor, a palavra *brachys* é usada para indicar que Cristo foi feito menor que os anjos apenas por “um pouco *de tempo*”, posto que ele se humilhou e se tornou homem. Porém, sua condição inferior se deve à sua identificação com a humanidade e dura pouco porque depois de sofrer a morte ele foi exaltado muito acima de qualquer anjo, principado ou potestade, recebendo um nome superior ao de todos os outros (Hb. 1.4).<sup>9</sup> Por isso, a encarnação e humilhação de Jesus não fere sua supremacia ou a grandiosidade da nossa salvação.<sup>10</sup>

E nesse contexto o autor acabou de introduzir a encarnação e a morte de Cristo. “Provar” é uma figura de linguagem, mas implica completa participação da experiência. Jesus morreu e essa era a última forma imaginável para a coroação do Messias e foi justamente essa usada. Há algo mais humano do que a experiência da morte e da dor? De

---

<sup>9</sup> Ver Is. 30.27-28 e Fp. 2.9-10 (Heiser, 2021).

<sup>10</sup> E, portanto, nem nossos sofrimentos e humilhações diminuem a grandiosidade da nossa salvação.

forma brilhante, Hb. 2.9 introduz a encarnação e a morte como sua identificação com seus irmãos. A aparente vergonha e humilhação se tornam matéria-prima para a glória. Outros motivos serão dados para o porquê da encarnação e morte de Jesus, mas o primeiro é este: foi “em favor de todos” (*hyper pantos geusētai thanatou*).

O Messias se identificou conosco mediante a sua encarnação, sua vida e morte. Sua ressurreição demonstra sua vitória sobre a morte, é a sua coroação, e ela não é apenas para Jesus, mas desafia os seres humanos a se identificarem com ele na sua morte e assim participarem da sua vida. Ele chegou ao status de “ser humano governando com Deus em glória e honra”, e nós alcançamos o mesmo status quando confiamos nele em obediência (Hb. 5.9). Cristo morreu por todos (Hb. 2.9), mas somente os que confiam e perseveram nele participam da salvação.

Hebreus 1.4 diz que Jesus recebeu um nome maior que todos, e em 2.9 lemos seu equivalente na expressão “glória e a honra”, termos do Salmo 8. Assim, nos versículos 2.7, 2.9 e 2.10, quando o termo é utilizado, temos uma referência ao mundo/reino vindouro. É o estado de reinar com Deus e desfrutar das bênçãos eternas que ele nos concedeu (Gn. 1.26-28). O caminho para lá foi aberto e os cristãos já podem participar e desfrutar dela (Hb. 2.10). E como este foi aberto mediante sua morte, o sofrimento não anula a glória dos cristãos. O reinar começa aqui, agora; a escatologia foi inaugurada.

Dessa forma, o autor explora a tensão teológica do “já, mas ainda não”. Em meio ao caos e à incerteza, a esperança rompe todas as barreiras na expressão enfática de Hb. 2.9: “vemos Jesus”. A realidade que responde aos sofrimentos do ser humano e dá esperança é o triunfo supremo de Cristo. E, de forma indireta, o ensino aqui vira exortação: coloquem os olhos em Jesus, pois ele nos dá certeza da participação no Reino.

Por fim, certas considerações sobre a Trindade precisam ser feitas. Deus Pai fala com Deus Filho nas referências ao Antigo Testamento (AT) em Hb. 1.5-14. E como em Hb. 2.5-9 o pastor está retomando o argumento, a voz do Salmo 8 é a de Deus Pai falando com o Deus Filho convidando-o a sentar-se à sua direita porque colocará todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. A resposta de Jesus a esse convite é afirmativa, presente em Hb. 2.12-13. Por ora, é suficiente ressaltar que Hebreus identifica nas Escrituras a conversa da Trindade sobre a encarnação e a vocação do Messias.

### **B. Estudo de Hebreus 2.10-13 – O sofrimento como caminho para glória?**

Em Hebreus 2.10-13 o escritor prossegue sua argumentação e se concentra nos sofrimentos de Cristo, introduzidos no v. 9 com a palavra “padecer” (*pathēma*). Ele vai

explorá-los como um exemplo de perseverança e, ao mesmo tempo, como a vitória que garante a nossa participação da glória como povo escolhido de Deus.

O v. 10 começa dizendo que foi Deus que compreendeu a necessidade de abrir o caminho da salvação por meio do padecer e da morte. O autor se refere a Deus como aquele “para quem e por meio de quem são todas as coisas”. A expressão enfatiza de forma elegante a soberania de Deus, pois ele é o Criador e o sustentador de tudo. E a expressão “era necessário” (*prepō*) é a primeira no v. 10, referindo-se a Deus.

Agora, Deus não precisa de nada e nem tem nenhuma necessidade. Então por que Hebreus fala que algo era necessário a Deus? Por causa do que Ele queria fazer: “conduzir muitos filhos à glória”. A necessidade dos filhos pede uma resposta adequada, a qual veio por meio do sofrimento. Por qual razão? O restante do capítulo explora esse tema.

No próprio versículo 10 o autor já começa sua abordagem por meio da palavra “aperfeiçoar” (*teleioō*). Ela não implica imperfeição moral de Jesus, já que ele é a própria expressão do caráter do Pai (Hb. 1.3). Na verdade, *teleioō* se refere à maturidade, algo que se obtém por passar na prova. A grandeza do reino vindouro requer herdeiros maduros, e o primeiro que alcançou isso foi Cristo. Ele fez isso passando pelo teste obedecendo ao Pai no meio do sofrimento, amando-o acima de todas as coisas e ao próximo como a ele mesmo. Ele realizou da melhor maneira possível o processo de sua humanidade, de modo que redimiu nossa natureza humana. Onde Adão caiu, na carne, Jesus venceu e abriu o caminho a todos os que participam de carne e sangue (Hb. 2.14).

O autor também relaciona “perfeição” com o acesso a Deus, pela expressão “conduzindo à glória”, uma analogia com o resgate do Egito,<sup>11</sup> mas também fala do acesso ao Pai. O caminho foi aberto e os filhos podem entrar porque o pioneiro da sua salvação é igual a eles, mas sem pecado. Para ser o representante perfeito e se compadecer deles, Cristo precisava participar de toda a experiência humana, principalmente da fraqueza e da dor. Por ter sido obediente em amor, ele tem livre acesso ao trono, e quem confia nele também. De um mediador assim nós precisávamos: perfeito, maduro, sem mancha e digno na presença do Deus vivo (Hb. 7.26). Ao participar completamente da nossa experiência e sofrer, ele pode nos representar. A salvação conquistada por Jesus responde de forma eficaz ao problema da nossa pecaminosidade (Cockerill, 2012).

No v. 11, o pastor segue reforçando a sua identificação de Cristo com a humanidade, mas agora agregando o conceito de “família”. Como ele faz isso? Os termos

---

<sup>11</sup> Veja o Anexo II.

“filhos” e “irmãos” estão duas vezes em Hb. 2.10-13. Já a expressão “vêm de um só” indica origem comum, isto é, família.<sup>12</sup> Enquanto Hb. 2.9 fala da identificação de Jesus com a humanidade, lemos agora que a identificação se concentra no seu povo: eles são da mesma família, andam pelo mesmo caminho e partilham as mesmas dores.

A introdução na família é abordada como “santificar” (*hagiazō*). O termo traz a bagagem ritual de Levítico da purificação e do perdão dos pecados, tanto que o pastor relaciona com a ação redentora de Cristo.<sup>13</sup> A santificação não aborda apenas a moralidade, antes fala de comunhão com Deus. Na verdade, a santificação “é glória iniciada, e glória é santificação completada” (Bruce, 2023, p. 45).

A santificação e a introdução na família só são possíveis por causa da íntima comunhão entre o Messias e os que confiam nele. Cristo não se envergonha de ser nosso irmão, por mais que ele tivesse bons motivos para isso. Mas, mesmo estando nu numa cruz, ele se solidarizou conosco e nos perdoou, participando da nossa miséria com o objetivo de nos tirar dela.

E no v. 12 a família de Deus começa a tomar forma tendo no centro sacrifício de Jesus e sua plena identificação com a humanidade. Para demonstrar isso, o escritor usa duas passagens para citar três textos da LXX, Salmo 22.22 e Isaías 8.17 e 18.

O Salmo 22 é um cântico de lamento de Davi com uma longa seção de clamor e um extenso louvor a Deus pela vindicação.<sup>14</sup> A igreja primitiva interpretava esse salmo como messiânico, tanto que todos os evangelhos o citam nos relatos da Paixão. Por que Hebreus não estaria fazendo referência à Paixão?<sup>14</sup>

O pastor usa o Salmo para mostrar a formação de uma comunidade e para lembrar que Deus vindica os aflitos. Ao citar a passagem, Hebreus usa a linguagem familiar como a aceitação amorosa de Cristo ao convite do Pai dos versículos anteriores (Peeler, 2014). E o autor sabe do contexto da passagem onde, apesar do sofrimento no começo do Salmo 22, a vindicação que começa em Sl. 22.22 vem de Javé porque ele reina (Shöckel, 1992). Assim, a referência introduz uma comunidade unida pela mesma natureza e, agora, pelo

---

<sup>12</sup> A oração do v. 11 “*ex henos pantes*” é típica das afirmações de solidariedade judaicas (Attridge, 1989).

<sup>13</sup> Hb. 10.10 diz: “nesta vontade temos sido santificados”, isto é, pelo desejo de Cristo de cumprir a vontade do Pai, somos perdoados e purificados. Pelo amor obediente do Filho ao Pai passamos a ser filhos. <sup>14</sup> Hebreus altera o texto original. No Salmo 22.22 LXX lemos a palavra “*diēgeomai*”, “dizer”, “relatar”, mas em Hebreus vemos “*apangellō*”, “anunciar” ou “proclamar”. Essa mudança especifica o papel de Cristo como mensageiro e cumpridor de sua missão. Attridge diz que a mudança é apropriada, pois “ênfatiza a missão de Cristo” (1989, p. 90).

<sup>14</sup> Hb. 5.7 alude aos acontecimentos da paixão com vocabulário do Sl. 22 na frase “tendo oferecido orações com forte clamor e lágrimas”, e conclui que a oferta de Cristo foi ouvida “por causa de seu temor reverente”. Portanto, Jesus não foi abandonado na sua morte (Sl. 22.24; Vanhoye, 2006, pp. 137-138).

louvor, formando assim uma congregação (*ekklēsia*).<sup>15</sup> Jesus é um adorador em meio às aflições, e a sua adoração inaugura o Reino.

Em Hebreus 2.13 o desenvolvimento continua, agora com a citação de Is 8.17 e 18. Nesta passagem Isaías confessa sua confiança no Senhor mesmo em tempos de trevas e incerteza, quando o povo de Israel rejeitou as profecias. E, por causa da sua fé, ele e seus filhos formam o remanescente de Israel (Is. 1.9, 10.20-21). Hebreus usa Isaías como um exemplo de perseverança, sendo Jesus o cumprimento e culminar dela.

Portanto, aqui se estabelece a comunidade dos crentes que seguem o Messias sofredor, e essa comunidade faz parte do conforto e da esperança dos aflitos. Em meio às incertezas e dores do tempo, Deus concede uma família aos cristãos, os quais fazem parte de uma comunidade que encoraja, motiva, instrui e exorta, mesmo em tempos difíceis.

Agora, devemos prestar atenção para o fato de Cristo ser o orador das referências do AT. O pastor identificou nos textos messiânicos uma conversa entre o Pai e o Filho, onde eles falaram sobre a vocação de Gênesis 1.27 e a redenção da humanidade. Em Hebreus, a Trindade conversa através das Escrituras Sagradas sobre o papel do Messias que culmina na cruz. Assim, os eventos da vida, morte e ressurreição de Jesus são tão fundamentais para o pastor que eles definem a identidade e o caráter do Deus trino. Se levarmos a sério a afirmação de que o Filho é o resplendor da glória do Pai (Hb. 1.3), deveríamos ouvir o Pai ali na cruz (Jo. 14.9; Stagg, 1976).

Deve-se destacar um aspecto de 2.10 ainda não abordado: herói da salvação. O pastor usa o título de *archegós* que, na literatura grega, era usado para falar do “herói” de uma cidade, seu “fundador”, “autor” ou “capitão”. Um *archegós* é quem abre o caminho para outros e os leva a um lugar melhor. Na época, Hércules tinha esse título, mas o autor usa essas histórias épicas para apresentar o triunfo histórico de Cristo (Osborne, Guthrie, 2022). Se Hércules derrotava seus inimigos pela força bruta, Jesus reina com a maior expressão de amor já vista: amando seus inimigos e assassinos. Isso é fundamental para a expiação de Hb. 2.14, 17.

Apesar das tribulações, os destinatários têm ao seu lado um campeão fiel que os encoraja a cada passo da caminhada. Mesmo na dor, há esperança de um futuro melhor porque Jesus já venceu e retornará para restaurar toda a criação. Ele nos conduz à glória

---

<sup>15</sup> A palavra “*ekklēsia*” tem uma alusão à ideia cristã de igreja (Attridge, 1989, p. 90).

eterna onde não haverá mais choro nem lágrimas, onde todas as feridas serão curadas, grata certeza para quem confia no Messias.

### **C. Estudo de Hebreus 2.14-18 – A destruição do Império da Morte**

Hebreus 2.5-13 apresentou a vocação humana da participação do Reino de Deus, a falta desse domínio no presente, a inauguração do mesmo pela obra de Cristo, isto é, seus padecimentos e morte; criou-se assim um caminho para a glória e todos aqueles que seguem a Jesus em direção à glória são parte da família dele.

Sabemos que o povo está indo nessa direção, mas de onde eles saíram, e de que forma? Por que foram necessários os sofrimentos para que o caminho fosse aberto? E qual a relação entre o padecimento de Jesus e a pessoa que sofre no presente? O pastor tratará essas questões em seu argumento.

Em primeiro lugar, ele retoma as ideias de identificação de Cristo com os seres humanos mediante a sua encarnação (2.14): eles têm em comum “sangue e carne” (*haimatos kai sarkos*), uma forma de falar da nossa natureza humana, e Jesus participou (*metechō*) das mesmas coisas. Uma vez que eles haviam falhado justamente na sua carne onde o pecado os escravizava, para salvá-los, o Messias precisava vencer no mesmo lugar. Era necessário que alguém triunfasse onde Adão falhou; alguém que na carne destruísse aquele que tinha o poder da morte. Como é que os seres humanos iriam reinar com Deus sendo ainda eram escravos de Satanás e do pecado?

Deus concedeu o domínio aos seres humanos, mas eles foram enganados pela serpente e, em seu orgulho, perderam na carne a autoridade que tinham, terminando escravos do pecado. Uma vez que Satanás tomou esse domínio por meio do engano, seu domínio é ilegítimo. Jesus não veio para negociar com o demônio, mas para destruir seu governo. Essa destruição é colocada como uma das razões para a encarnação e os sofrimentos. A obra do Messias foi uma ação criativa para desarmar o inimigo (1ª Co. 2.8); no entanto, para fazer isso ele precisava enfrentar toda a nossa maldade, corrupção e violência. Satanás lançou tudo isso contra o Filho de Deus mas, porque ele foi obediente ao Pai, a morte não pôde exercer seu domínio sobre ele, perdendo assim sua autoridade sobre a natureza humana. Por isso, essa entrega e dependência da vontade do Pai se torna o triunfo da fé. O que se pretendia para o mal, o campeão da nossa salvação transformou em matéria prima para o bem (Stagg, 1976). O autor da vida entrou vitoriosamente no império da morte para que o poder dos inimigos fosse anulado (Aulén, 1970) e assim “explodiu uma bomba” no império da morte.

Hebreus 2.15 explica que a escravidão era exercida mediante o medo da morte (*phobō thanatou*). Assim, quando Jesus morre e esgota em si mesmo toda a violência e pecado de Satanás e ressuscita dentre os mortos, onde fica toda a intimidação e perigo aos discípulos do mestre? A principal arma do inimigo é o medo da morte, mas Cristo morreu e ressuscitou dentre os mortos, quebrando toda influência do inimigo.

Hebreus 2.10-18 compartilha elementos com a literatura épica do seu tempo (Attridge, 1979; Hübner, 1996): os heróis gregos iam para o Hades; os filósofos usavam lendas para mostrar a irracionalidade do medo da morte; os judeus apresentavam as histórias do êxodo com este modelo heroico e os gnósticos falavam do Hades metaforicamente relacionado à ignorância. Hebreus, porém, também apresenta diferenças fundamentais com esses relatos. Em contraste com o mito gnóstico, a encarnação é um fato histórico e a perfeita vitória de Jesus foi conquistada por causa do sofrimento.<sup>16</sup> Para Sêneca, o medo da morte é irracional; para Hebreus, no entanto, é o poder que nos escraviza. Portanto, o texto de Hb. 2.10-18 considera as histórias épicas, mas apresenta a versão cristã da redenção, comum aos demais relatos do NT. Eis o triunfo definitivo do descendente da mulher sobre a serpente (Gn. 3.15, Waltke, Yu, 2007). Não surpreende que Hb. 2.14 seja um dos textos preferidos dos pais apostólicos (Aulén, 1970).

Lemos que Cristo não veio resgatar anjos em Hb. 2.16, algo que se enquadra na angelologia da seção. Ele é superior aos anjos por ser Deus (1.5-14) e pela sua obra (2.59), então concede maior salvação que eles (2.1-4). Jesus assume a natureza de quem ele iria salvar, e como ele se tornou homem, a salvação é destinada aos seres humanos.

A identificação também pode ser vista no v. 17, onde o sacerdócio de Cristo tem como requisito sua humanidade. O representante definitivo dos homens deve ser um deles. Ele precisa ter participado das mesmas coisas que eles (*homoiōthēnai*). E assim chegamos a Hb. 2.17, 18, que concluem a seção.

Os versículos que encerram o segundo capítulo caracterizam o sacerdócio de Jesus, apresentam sua ação sacerdotal e concluem com a ajuda que ele pode oferecer os que sofrem. Começamos com “misericordioso”.

O termo “misericordioso” (*eleēmōn*) destaca a graça que encontramos no Messias. Hb. 2.17-18 é paralelo com 4.14-16, o qual explica essa “misericórdia”: Jesus se

---

<sup>16</sup> No gnosticismo, as almas pertencem a outro mundo e dever ser conduzidas de volta a ele, mas em Hebreus os filhos são conduzidos à uma glória que nunca viram (Hb. 11.14-16). Não há base para dizer que Hebreus defende ideias gnósticas, pois Jesus é constituído campeão por meio do sofrimento (Brown, 2002).<sup>18</sup> Após construir o bezerro de ouro, Arão não intercede por seus irmão e nem se identifica com eles, mas os acusa e não exerce a função de sacerdote (Êx. 32.1-6, 19-24; Vanhoye, 2006).

compadece das nossas fraquezas. O termo em 4.15 está relacionado com “ter empatia” (*sympatheō*), “sofrer junto”. Para que o representante exercesse compaixão, era necessário sofrer junto com os humanos e passar pelas mesmas coisas que eles. Ele fez tudo isso, mas sem pecado (*chōris hamartias*, 4.15). O pecado não contribui para a solidariedade com quem sofre, mas quebra relacionamentos.<sup>18</sup> Porque a identificação de Jesus conosco foi completa e sem mancha, ela produz misericórdia em vez de egoísmo; justiça em vez de rebelião.

Enquanto isso, o adjetivo de “fiel” (*pistos*) transmite a ideia de “digno de confiança”, uma vez que o autor fala de credibilidade na passagem seguinte (Hb. 3.1-6).<sup>17</sup> Quando alguém é fiel, podemos depender dessa pessoa porque ela não irá falhar. No AT Deus é quem demonstra essa fidelidade, mas agora Cristo é chamado de confiável em um contexto em que seus sofrimentos são abordados. Por isso, devemos relacionar *pistos* com a cruz: Jesus é fiel porque a sua palavra não falha e ele viveu essa lealdade até sua morte. Muito mais do que um conceito abstrato, o NT tem um evento histórico que demonstra a confiabilidade de Jesus.

Deve-se destacar a relação entre Êx. 34.6-7 e Hb. 2.17. Na passagem do AT, o caráter de Javé é expresso com vários adjetivos, dentre eles os mesmos de Hb. 2.17, mas em hebraico: “misericordioso e compassivo” (*hesed we'emet*). O mesmo caráter do Deus de Israel vemos retratado em Jesus Cristo, o resplendor da glória do Pai (Hb. 1.3). E revelar Deus ao povo era a tarefa do sacerdote, mas não era a única.

O texto de Hb. 2.5-18 culmina com a apresentação do título de “Sumo Sacerdote”, construído no decorrer na passagem. Os termos “santificar” (2.11) e “purificar” (1.3) são palavras relacionadas à tarefa de sacerdotes (Vanhoye, 2006). Já “aperfeiçoar” está relacionado pelo uso da LXX. Em Êx. 29.29, por exemplo, a ordenação do sacerdote é um ato chamado “encher as mãos”, que a LXX traduz como “aperfeiçoar as mãos” (*teleiōsai tas cheiras autōn*, Attridge, 1989). Além disso, textos do Judaísmo do Segundo Templo descreviam o sacerdote como a figura que travava épicas batalhas para estabelecer o Reino de Deus e purificar a terra, sendo que estes mesmos temas estão presentes em Hb. 2.5-18: a escatologia e o tom épico ou cósmico (Perrin, 2018). Tudo isso também contribui para a função sacerdotal de 2.17: trazer o perdão dos pecados.

---

<sup>17</sup> Hebreus 3.1-6 alude a Números 12.1-16, onde a credibilidade de Moisés é questionada por seus irmãos. O conceito abordado no texto de Números é a ideia de *'emet*, que significa “fiel”, “confiável”.

A ênfase da epístola sobre o sacerdócio está nas ofertas pelo pecado, aquelas do Dia da Expição (*Yom Kippur*) de Levítico 16, como em Hb. 5.1-10, 7.26-28. Ao falar da tarefa sacerdotal para com o pecado, o autor utiliza a palavra *hilaskomai*, que tende a ser interpretado como “propiciação” ou “expição”, mas eles não representam adequadamente o termo hebraico original *kaphar*. Eles carregam a ideia pagã de apaziguar uma divindade irada, especialmente o termo “propiciação” (Stagg, 1976). No AT, a palavra *kaphar* está relacionado a “cobrir” ou “apagar completamente”. Um texto paralelo que reforça essa interpretação de *kaphar* é Hb. 9.26, onde o autor diz que “[Jesus] se manifestou para aniquilar (*athetēsis*) o pecado”.<sup>18</sup>

A obra de expiação não é algo que os seres humanos fazem “a” ou “para” Deus, mas que Ele faz em nosso favor nós.<sup>19</sup> O que separa os seres humanos do Criador não é a ira divina, e sim as transgressões cometidas pelas pessoas (Wright, 2016). A solução para o problema humano está na remoção dos pecados, obra que abrirá o caminho a Deus (Bruce, 2023); isso só ocorreria na realização efetiva daquilo que os sacrifícios de Levítico faziam simbolicamente (Hb. 9.11-14, 10.1-7). Isto é, o perdão que sempre esteve no coração de Deus-Pai precisava ser encarnado e historicizado.

Hebreus aplica *hilaskomai* no mesmo sentido de Levítico e relaciona a expressão com triunfo sobre a morte do perfeito ser humano e herói da nossa salvação. Na sua morte, Jesus destruiu o império do diabo, perdoou nossos pecados e nos reconciliou com Deus. Ele é o nosso Sumo Sacerdote precisamente por causa de sua obra na cruz; através dela, a inimizade é removida, o poder do mal é destruído e temos acesso ao Pai. A vitória de Cristo realiza a expiação (Aulén, 1970).

Quanto à conexão entre sofrimento e o sacerdócio, devemos considerar a história do Êxodo. Israel é o primogênito de Javé e sua saída do Egito tem um propósito: “servir ao Senhor” (Êx. 4.21-23).<sup>20</sup> Ao mesmo tempo, esse papel sacerdotal só foi dado a Israel depois da sua aflição, convergindo os temas de sofrimento e sacerdócio em um mesmo evento. Por isso os judeus do século I entendiam que “sofrer em nome de Javé significava assumir um papel sacerdotal” (Perrin, 2018, p. 38).

---

<sup>18</sup> Considere João 1.29, que diz “o Cordeiro de Deus tira (*airō*) o pecado do mundo”. A obra de expiação consiste em retirar os pecados. A ira não precisa ser removida porque ela não é o problema, são as nossas transgressões (2ª Co. 5.19, 1ª Jo. 3.6).

<sup>19</sup> Isso fica explícito em Lc. 18.13, onde o publicano pede que “Deus cubra (*hilaskomai*) os seus pecados, que são muitos”. Portanto, na expiação quem obra é Deus, não o homem (Stagg, 1976).

<sup>20</sup> “Serviço” e “adoração” são a mesma palavra em hebraico (*abad*), função dos sacerdotes (Gn 2.15; Êx 19.5-6, 23.24, 33).

Posto que Jesus ressuscitou e vive para sempre, ele é o sacerdote superior fundamentalmente diferente de Arão, tanto que o Messias tem outra ordem, a de Melquisedeque (Sl. 110.4, Hb. 6.20).

Melquisedeque é um personagem misterioso trabalhado em Hb. 7, a primeira pessoa chamada de sacerdote na Bíblia, mas ele não tem genealogia e nem menção da sua morte.<sup>21</sup> Esse silêncio de Gênesis o coloca como sacerdote perpétuo, e de um sacerdote assim precisávamos. Mas se Melquisedeque é sacerdote sem interrupção, Jesus é maior ainda que ele porque ele é eterno, atravessou a morte, ressuscitou e se sentou à direita do Pai.<sup>22</sup> Melquisedeque é sacerdote do mesmo tipo que Cristo, mas o Filho é primeiro, supremo e eterno. Assim, Melquisedeque representa e aponta para a realidade futura que seria este Messias perfeito e supremo, Jesus de Nazaré.

E assim voltamos nossa atenção para o v. 18. A palavra para “provações” aqui é *peirazō*, que pode ser entendida como “prova” ou “tentação”. O nosso Grande Sumo Sacerdote é capaz (*dynamai*) de ajudar porque ele passou pelas mesmas provas, mas triunfou (Hb 2.18; 4.14). Jesus se identificou com os seres humanos e os torna maduros na dor, os conduz à glória em meio às aflições e os ensina que a vitória do perdão é efetiva. Assim, o pastor relaciona o teste de Jesus com o dos seus ouvintes.

A palavra “ajudar” vem do grego *boētheō* se refere a alguém que sai imediatamente para socorrer, a exemplo de um médico. O substantivo aparece novamente em Hb. 4.14-16, no convite para se aproximar do trono da graça para receber a “ajuda do tempo oportuno” (*eukairon boētheian*). Em meio das aflições podemos encontrar a presença divina porque um dia o filho divino foi encontrado sofrendo numa cruz. Cristo nos entende e não nos deixa órfãos, mas passa pelos problemas ao nosso lado, concedendo-nos forças. Em meio ao sofrimento, vamos até ao trono porque este é acessível e Jesus intercede por nós.

## 5. COMENTÁRIO TEOLÓGICO A HEBREUS 2.5-18

Passamos agora a ponderar a relevância teológica da passagem para os ouvintes e para o argumento da carta em si.

---

<sup>21</sup> Gênesis 5 causa um profundo impacto pela repetição de que as pessoas morrem, mas isso não é dito de Melquisedeque.

<sup>22</sup> Hebreus 7 desenvolve de forma maestral os sacerdócios de Melquisedeque e de Jesus. Se Melquisedeque não tem genealogia e nem morreu, Hebreus o chama de “perpetuo” (*diēnekēs*). Enquanto isso, Jesus, por causa da sua ressurreição e origem, é sacerdote “eterno” (*eis ton aiōna*, Hb. 7.25; Vanhoye, 2006).

O autor de Hebreus escreve para responder à necessidade dos seus irmãos que atravessam uma crise de fé devido ao seu sofrimento. E a passagem reforça a identificação do Filho de Deus com os seres humanos na sua encarnação, vida, dor e morte. Tal solidariedade (1) é a base para Cristo ser o representante dos homens; (2) é necessária para tornar acessível o perdão e a salvação, (3) exige uma resposta de fé e perseverança; (4) capacita os cristão a viverem o amor de Jesus e (5) concede esperança, mesmo em meio ao caos. Começemos com a obra do Messias e a representação.

A identificação de Cristo com os seres humanos é a base para que ele seja o Sumo Sacerdote deles. Isto é, em Hb. 5.1-10, lemos como que o representante do povo é retirado dentre seus irmãos para representá-los, mas para isso o autor estabelece a humanidade de Jesus e sua irmandade com os homens em 2.5-18. E essa irmandade não serviria nada se ele não tivesse vencido nosso inimigo e recebido autoridade para salvar. Por isso, o pastor reforça a coroação, perfeição, acesso a Deus, derrota do nosso inimigo e libertação nos versos 5-18 para futuramente mostrar o caráter definitivo do sacerdócio de Jesus Cristo.

Mas, de que forma ele chegou a ser Sumo Sacerdote? Vemos nestes versos que foi pela sua encarnação e seus sofrimentos. Por que dessa forma?

Cristo precisava se encarnar e assim tornar a salvação acessível a nós. Como ele cumpriria a vocação perdida de Gênesis 1 sem se tornar homem? Ao longo de sua vida Jesus estava restaurando o que havíamos perdido no Éden, redimindo a nossa natureza e sendo fiel onde Adão havia caído. Por isso, toda a encarnação tem valor soteriológico.

Além disso, para que essa redenção fosse real e eterna, alguém precisava enfrentar todas as consequências da nossa rebelião e idolatria. Era exatamente isso que Jesus estava fazendo naquela sexta-feira, perdendo as nossas transgressões, amando o Pai e ao próximo como a ele mesmo. O Diabo não pôde perpetuar a maldade e a escravidão geradas pela da violência e pecado dos homens porque Jesus perdoou. Por viver a vocação humana dentro das piores consequências possíveis e debaixo de terrível tortura e dor, Cristo foi aperfeiçoado e ressuscitou (2.10). Por sofrer as piores atrocidades feitas pelos homens, transformá-las em devoção a Deus e ser fiel no perdão, Jesus destruiu Satanás e restaurou o domínio perdido pelo homem.

Assim, a salvação se tornou acessível a nós porque ela aconteceu na nossa história, abarcou toda a nossa depravação e foi realizada por alguém como nós, de carne e sangue. Com sua encarnação e seus sofrimentos, Cristo tornou tangível a reconciliação, recebeu glória e honra, inaugurou o Reino e abriu o caminho ao Pai. Isto é evidente porque Jesus

ressuscitou, ascendeu e se assentou à direita de Deus. Portanto, essa obra suprema e eterna demanda uma decisão.

Somos convocados a responder com fé e participarmos da obra do Messias perseverando, mesmo em meio às aflições e à vergonha. Trilhamos o mesmo caminho de dor e fé que Jesus passou e devemos aplicar o mesmo amor, perdão e confiança que ele demonstrou. A passagem coloca o Filho de Deus como exemplo e implica a necessidade de obedecer aos seus mandamentos.

E realmente vale à pena perseverar e amar ao próximo? A vida de Jesus e sua ressurreição declaram que sim. Posto que ele abriu o caminho para o Reino dessa forma, como esperamos alcançar o Reino de outra forma que não com Cristo crucificados? Foi por meio da obediência amorosa na dor que ele venceu, amadureceu e se tornou autor da salvação. Como que seus seguidores esperam não passar por sofrimentos? O que o Messias espera deles é que demonstrem a mesma confiança e amor, até na dor.

Entretanto, o diferencial desse exemplo de Cristo é que ele também torna possível a nossa perseverança. Uma vez que Jesus destruiu o poder do Diabo e nos libertou da morte, ele restaurou a nossa humanidade e nos deu uma nova natureza; ele nos capacita para que possamos correr a corrida proposta e para que amemos uns aos outros, como ele nos amou. Ele não correrá a corrida por nós, mas nos sustentará do começo ao fim. Muito mais que um exemplo notável, o triunfo do Messias é uma realidade concreta que nos infunde de força mediante seu Espírito e nos conduz à adoração. Jesus realmente vem nos socorrer em meio à prova e nos guia em direção à glória.

Além dessa capacitação, há profunda comunhão entre o santificador e os que são salvos. No meio da dor, Deus se encontra com os seus filhos e não os abandona. Na cruz vemos manifesta a conversa e intimidade da Trindade. Assim, mesmo em meio aos nossos sofrimentos, somos convidados a irmos ao trono da graça e apresentarmos as nossas petições, sabendo que há uma graça especial e oportuna para cada situação; há um Deus que se compadece de nós e tem comunhão com os que sofrem.

O Eterno poderia ter se absterido de sofrer, mas, por causa do seu amor, ele veio, sofreu e se identificou com os seres humanos. Em meio à dor, vemos Jesus ao nosso lado, o qual abriu o caminho para a comunhão com o Pai através da morte. Deus escolhe nos dar sua presença, mais que nos dar um motivo lógico para cada aflição. Precisamos olhar para o evento da vida de Jesus e usar isso como base para a nossa compreensão de quem é Deus: alguém que sofre junto conosco e transforma a nossa dor em caminho para a

glória. Mesmo em meio à angústia, temos alguém que se encontra ali conosco, alguém que nos ouve e participa das nossas lágrimas, mas nos infunde de força e alento porque ele sustenta a nossa esperança.

Aqui convém lembrar o caráter escatológico da passagem abordada e relacioná-lo ao sofrimento dos cristãos. Hebreus sabe que as coisas ainda não estão sujeitas à humanidade e que muitas vezes morreremos sem vê-las em seu devido lugar. Deste lado da eternidade ainda sangraremos várias vezes sem compreender toda a finalidade da dor. Mas a realidade da vitória de Cristo abre o caminho para a glória, inaugurara o Reino de Deus no presente, os novos céus e a nova terra; ela nos assegura esperança. Por mais que as aflições nos ataquem nesta vida, Jesus já ressuscitou dentre os mortos, ele é dono de todo o universo e vai nos restaurar no dia final. Aconteça o que acontecer, nada tira o triunfo dele nem muda o destino dos que nele confiam: o mundo vindouro.

## **6. CONCLUSÃO**

Ao explorar a profunda identificação de Jesus Cristo com os seres humanos, conforme descrita em Hebreus 2:5-18, encontramos uma mensagem relevante e desafiadora para os cristãos contemporâneos que enfrentam o sofrimento em suas diversas formas. Somos confrontados com sua identificação completa com a humanidade, sua experiência do sofrimento, e, ao mesmo tempo, sua soberania sobre todas as coisas por causa da sua vitória sobre as forças do mal em seu sacrifício redentor.

A análise exegética revela que a solidariedade de Cristo com os seres humanos é crucial para a compreensão do sacerdócio de Jesus e para a prática da vida cristã. A identificação íntima que Jesus fez o capacita a compreender profundamente o sofrimento humano e a interceder eficazmente pelos crentes diante de Deus. A vitória de Jesus sobre o sofrimento, como descrita em Hebreus, não é apenas uma conquista histórica, mas uma realidade contínua e aplicável às vidas dos crentes hoje. Sua encarnação e sacrifício não apenas redimem, capacitando assim os cristãos a enfrentarem suas próprias adversidades com esperança e coragem, sabendo que o mesmo poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos está operando em suas vidas. Assim, fé, perseverança e perdão são apresentados como a forma que o Messias venceu, impulsionando os ouvintes a aplicarem e viverem as mesmas coisas em suas vidas como resposta ao triunfo dele, algo possibilitado pelo próprio poder dele.

Portanto, a mensagem de Hebreus 2:5-18 é uma fonte de consolo e encorajamento para os cristãos que lidam com o sofrimento. Ela nos lembra que não estamos sozinhos

em nossas aflições, pois temos um Sumo Sacerdote que compreende plenamente a nossa condição e que nos convida a nos achegarmos com confiança ao trono da graça para receber misericórdia e encontrar graça para socorro oportuno (Hebreus 4:16).

Assim, a vitória de Jesus com os seres humanos em Hebreus 2:5-18 não é apenas uma doutrina teológica, mas uma realidade transformadora que sustenta a fé dos crentes em meio às tribulações da vida. Vemos aqui uma manifestação de amor divino que transcende as limitações temporais e oferece uma esperança eterna. Que esse estudo nos inspire a viver com fé constante, esperança alentadora e amor inquebrantável, reconhecendo que em Cristo encontramos graça, a participação na glória e o poder para vivermos no presente em liberdade e adoração.

## ANEXO I

Hebreus 2.5-18:

Οὐ γὰρ ἀγγέλοις ὑπέταξεν τὴν οἰκουμένην τὴν μέλλουσαν, περὶ ἧς λαλοῦμεν.	Ora, não foi a anjos que sujeitou o mundo vindouro, a respeito do qual estamos falando,
διεμαρτύρατο δὲ πού τις λέγων· τί ἐστὶν ἄνθρωπος ὅτι μιμησθήσεται αὐτοῦ, ἢ υἱὸς ἀνθρώπου ὅτι ἐπισκέπτῃ αὐτόν;	<b>6</b> pois <i>alguém</i> testemunhou em certo lugar, dizendo: “O que é o homem para que te lembres dele? Ou o filho do homem, para que o visites?”
ἠλάττωσας αὐτὸν βραχύ τι παρ’ ἀγγέλους, δόξῃ καὶ τιμῇ ἐστεφάνωσας αὐτόν,	<b>7</b> Fizeste-o, por um pouco, menor do que os anjos, de glória e de honra o coroastes,
πάντα ὑπέταξας ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτοῦ. ἐν τῷ γὰρ ὑποτάξαι [αὐτῷ] τὰ πάντα οὐδὲν ἀφήκεν αὐτῷ ἀνυπότακτον. Νῦν δὲ οὐπω ὁρῶμεν αὐτῷ τὰ πάντα ὑποτεταγμένα·	<b>8</b> sujeitaste todas as coisas debaixo dos seus pés”. No “sujeitar à humanidade todas as coisas”, nada deixou fora de seu domínio. Mas agora, ainda não vemos todas sujeitas aos seres humanos;
τὸν δὲ βραχύ τι παρ’ ἀγγέλους ἠλαττωμένον βλέπομεν Ἰησοῦν διὰ τὸ πάθημα τοῦ θανάτου δόξῃ καὶ τιμῇ ἐστεφανωμένον, ὅπως ‘χάριτι θεοῦ’ ὑπὲρ παντὸς γεύσῃται θανάτου.	mas, vemos porém, a quem foi feito por um pouco de tempo menor que os anjos – isto é, vemos a Jesus. Ele, por sofrer a morte, foi coroado de glória e de honra, de modo que, pela graça de Deus, provasse a morte em favor de todos.

Ἐπρεπεν γὰρ αὐτῷ, δι' ὃν τὰ πάντα καὶ δι' οὗ τὰ πάντα, πολλοὺς υἱοὺς εἰς δόξαν ἀγαγόντα τὸν ἀρχηγὸν τῆς σωτηρίας αὐτῶν διὰ παθημάτων τελειῶσαι.	Ora, era necessário que Deus, para quem e por meio de quem são todas as coisas, ao conduzir muitos filhos à glória, aperfeiçoasse o campeão da salvação deles por meio dos sofrimentos.
ὁ τε γὰρ ἀγιάζων καὶ οἱ ἀγιαζόμενοι ἕξ ἑνὸς πάντες· δι' ἣν αἰτίαν οὐκ ἐπαισχύνεται ἀδελφοὺς αὐτοῦ καλεῖν	Pois aquele que santifica e os que são santificados vêm de um só, tanto que ele não se envergonha de chamá-los de irmãos,
λέγων· ἀπαγγεῖλω τὸ ὄνομά σου τοῖς ἀδελφοῖς μου, ἐν μέσῳ ἐκκλησίας ὑμνήσω σε,	dizendo: “Anunciarei o teu nome aos meus irmãos, no meio da congregação te louvarei”,
καὶ πάλιν· ἐγὼ ἔσομαι πεπειθῶς ἐπ' αὐτῷ, καὶ πάλιν· ἰδοὺ ἐγὼ καὶ τὰ παῖδιά ἃ μοι ἔδωκεν ὁ θεός.	e: “Nele confiarei”, e ainda: “Eis me aqui; eu e os filhos que Deus me deu”.
Ἐπεὶ οὖν τὰ παῖδιά κεκοινώνηκεν αἵματος καὶ σαρκός, καὶ αὐτὸς παραπλησίως μετέσχεν τῶν αὐτῶν, ἵνα διὰ τοῦ θανάτου καταργήσῃ τὸν τὸ κράτος ἔχοντα τοῦ θανάτου, τοῦτ' ἔστιν τὸν διάβολον,	Portanto, como os filhos compartilhavam sangue e carne, ele também compartilhou do mesmo, para, mediante a sua morte, destruir quem tinha o império da morte, isto é, o Diabo,
καὶ ἀπαλλάξῃ τούτους, ὅσοι φόβῳ θανάτου διὰ παντὸς τοῦ ζῆν ἔνοχοι ἦσαν δουλείας.	e libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam sujeitos à escravidão suas vidas inteiras.
οὐ γὰρ δήπου ἀγγέλων ἐπιλαμβάνεται ἀλλὰ σπέρματος Ἀβραὰμ ἐπιλαμβάνεται.	Assim, é evidente que ele não se preocupa com anjos, mas com a descendência de Abraão.
ὅθεν ὄφειλεν κατὰ πάντα τοῖς ἀδελφοῖς ὁμοιωθῆναι, ἵνα ἐλεήμων γένηται καὶ πιστὸς ἀρχιερεὺς τὰ πρὸς τὸν θεὸν εἰς τὸ ἰλάσκεσθαι ἑαυτοῦ τὰς ἁμαρτίας τοῦ λαοῦ.	Portanto, era necessário que ele fosse em tudo como seus irmãos para se tornar um Sumo Sacerdote compassivo e fiel nas coisas de Deus e para perdoar os pecados do povo.
ἐν ᾧ γὰρ πέπονθεν αὐτὸς πειρασθεὶς, δύναται τοῖς πειραζομένοις βοηθῆσαι.	Posto que ele padeceu quando era provado, aos que são provados, ele é poderoso para ajudar.

## ANEXO II

Os paralelos entre o resgate do Egito e a salvação de Jesus são vários:

<b>A história do Êxodo</b>	<b>Hebreus 2.10-18</b>
O povo de Israel é conduzido à sua herança, isto é, a terra prometida (Êx. 3.7-8)	O povo de Deus é conduzido à sua herança, isto é, a glória/mundo vindouro (Hb. 2.10)
O servo Moisés santifica o povo (Êx. 19.10)	O servo Jesus santifica seu povo (Hb. 2.11)
A salvação de Israel resulta em adoração e louvor (Êx. 15.1s)	A salvação que Jesus nos dá resulta em adoração e louvor (Hb. 2.12-13)
O Faraó é derrotado (Êx. 14.30-31)	Satanás é derrotado (Hb. 2.14)
Israel é liberto da escravidão do Egito (Êx. 13.3)	Os filhos são libertos da escravidão ao medo da morte (Hb. 2.15)
Deus cumpre suas promessas a Abraão (Êx. 3.6-7)	Deus cumpre suas promessas a Abraão (Hb. 2.16)
Arão recebe o sacerdócio (Êx. 28.1)	Jesus recebe o Sumo Sacerdócio (Hb. 2.17)
Os sofrimentos do Egito resultam no sacerdócio e na adoção de Israel como filho (Êx. 4:22-23)	Os sofrimentos de Jesus resultam no Sumo Sacerdócio e na adoção de muitos filhos (Hb. 2.17)
Sofrer em nome de Javé (Êx. 3.7, 4.22)	Sofrer junto com o Messias (Hb. 2.18)

## ANEXO III

O autor de Hebreus usa diferentes formas para abordar a identificação de Jesus com a humanidade. Ele aborda a encarnação, os sofrimentos e a morte de Cristo em toda a passagem como se fossem um só, e realmente o são. Todo esse evento nos salva.

<b>Hb. 2.9</b>	“feito um pouco menor que os anjos...” assim com os humanos do Salmo 8
<b>Hb. 2.10</b>	O campeão e os filhos estão no mesmo caminho, que envolve sofrimento
<b>Hb. 2.11</b>	Somos irmãos de Cristo e ele não se envergonha disso
<b>Hb. 2.12</b>	Jesus nos chama de irmãos e nos convoca à adoração
<b>Hb. 2.13</b>	O Messias e os filhos são parte do remanescente de Deus
<b>Hb. 2.14</b>	Jesus participou de carne e sangue
<b>Hb. 2.17</b>	Jesus se tornou semelhante aos seus irmãos em tudo
<b>Hb. 2.18</b>	Os filhos e Jesus conhecem o sofrimento

Jesus se tornou nosso semelhante na posição no universo, no caminho para a glória, na família, na adoração, na postura escatológica, na natureza, enfim, em tudo, mas principalmente na dor.

## BIBLIOGRAFIA

ALAND, Barbara, et al., *The Greek New Testament*. 5a ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *O Texto do Novo Testamento: Introdução às Edições Científicas do Novo Testamento*. 1a ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALAND, Kurt, et al. *Novum Testamentum Graece*. 28a. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ATTRIDGE, Harold W. *The Epistle to the Hebrews*. 1a ed. Philadelphia: Fortress Press, 1989.

AULÉN, Gustaf. *Christus Victor: An Historical Study of the Three Main Types of the Idea of Atonement*. 2a ed. Londres: SPCK, 1970.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Trad. Constantino Ruiz-Garrido. 3a. Vol. I y II. Salamanca: Sígueme, 2005. II vols.

BROWN, Raymond E. *Introducción al Nuevo Testamento*. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

BRUCE, F. F. *Hebreus: Comentário Exegético*. 1a ed. São Paulo: Vida Nova, 2023.

COCKERILL, Gareth Lee. *The Epistle to the Hebrews*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2012.

EUSEBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

FRANCE, R. T. e George H. Guthrie. *Hebrews, James*. Ed. Tremper Longman III e David E. Garland. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

GNILKA, Joachim. *Teología del Nuveo Testamento*. Madrid: Trota, 1998.

GUEVARA, Hernando. *Ambiente Político Del Pueblo Judío En Tiempos de Jesús*. 1ª. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

HARRISON, Everett F. *Una Introducción al Nuevo Testamento*. Trad. Norberto Wolf. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1980.

HUGHES, R. Kent. *Hebrews: An Anchor for the Soul*. Vol. I. Wheaton: Crossway Books, 1993.

JOHNSON, Luke Timothy. *Hebrews, A Commentary*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2012.

KEENER, S. Craig. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KITTEL, Gerhard and Gerhard Friedrich. *Theological dictionary of the New Testament*. Ed. Geoffrey W. Bromiley. Trans. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1964.

LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

LEXHAM PRESS. *The Lexham Analytical Lexicon of the Septuagint*. Bellingham: Lexham Press, 2012.

LOPES, Hernandes Dias. *Comentário expositivo do Novo Testamento: Epístolas Gerais e Apocalipse*. São Paulo: Editora Hagnos, 2019.

MILLOS, Samuel Pérez. *Comentario exegetico al texto griego del Nuevo Testamento: Hebreos*. Barcelona: Editorial Clie, 2009.

MONTEIRO, Rômulo. *Caminhando na Perfeição*. 1ª ed. Curitiba: Editora Concílio, 2018.

OSBORNE, Grant R. e George H. GUTHRIE. *Carta aos Hebreus*. 1ª ed. São Paulo: Editora Carisma, 2022.

PEELER, Amy L. B. *You are My Son: The Family of God in the Epistle to the Hebrews*. 1a ed. Londres: Bloomsbury T&T Clark, 2014.

SPICQ, Ceslas. *Theological Lexicon of the New Testament*. Vol. I-III. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1995.

STAGG, Frank. *Teología del Nuevo Testamento*. Trad. Arnoldo Canclini. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1976.

SWANSON, James A. *Dictionary of Biblical Languages with Semantics Domains: Greek (New Testament)*. Logos Research Edition, 1997.

SWANSON, James A. *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew*. Oar Harbor: Logos Research Systems, 1997.

VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antiguos, Sacerdote Nuevo según el Nuevo Testamento*. Trad. Alfonso Ortiz. 5a ed. Salamanca: Sígueme, 1984.

WALTKE, Bruce K. e Charles Yu. *An Old Testament Theology: An Exegetical, Canonical, and Thematic Approach*. 1a ed. Grand Rapids: Zondervan, 2007.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *The Day the Revolution Began*. San Francisco: HarperCollins, 2016.